

DIALOGISMO DIGITAL: POR UMA LEITURA BAKHTINIANA DO HIPERTEXTO

Fabio Sampaio de Almeida (fabioesp@hotmail.com)
(<http://lattes.cnpq.br/4657559182873259>)
Luciane Teixeira da Silva (lucianepdg@hotmail.com)
(<http://lattes.cnpq.br/5730461999044540>)

ABRINDO O NAVEGADOR

Neste artigo buscamos discutir brevemente o funcionamento do hipertexto como mecanismo de escrita/leitura que materializa a noção de dialogismo desenvolvida por Bakhtin e outros estudiosos de seu círculo.

Nosso texto está organizado em três partes básicas. Na primeira, buscamos estabelecer as bases teóricas que orientam as nossas reflexões. Situamos nossa concepção de linguagem e definimos os conceitos bakhtinianos de gêneros de discurso e dialogismo, relacionando-os à noção de hipertexto. Na segunda parte, apresentamos nossas reflexões sobre a leitura bakhtiniana do hipertexto, com uma breve análise de alguns dos aspectos da enciclopédia eletrônica Wikipédia¹, gênero fundamentalmente possibilitado pelo ambiente digital. Na última parte, tecemos nossas considerações finais no que tange às teorias lingüísticas de Bakhtin e a leitura no hipertexto.

CLICANDO NOS LINKS DA TEORIA

Para refletir sobre o tema da leitura, tendo em vista a multiplicidade de sentidos que tal termo remete, surge a necessidade de definir uma âncora teórica que fundamente nossa concepção de linguagem. A perspectiva que ora assumimos baseia-se nos estudos de Bakhtin (2000), para quem a linguagem define-se por um conjunto de práticas interacionais, dialógicas, fundadas e que fundam relações sociais. Efetuando-se na forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos, realizados pelos integrantes das esferas de atividade humana. Para o autor, é o enunciado a real unidade da comunicação discursiva, diferenciando-se de termos como *frase* e *oração*, que são unidades da língua. O enunciado, por sua vez, *faz*

¹ <http://pt.wikipedia.org>

parte de um mundo totalmente diferente, o das relações dialógicas, que não podem ser equiparadas às relações lingüísticas dos elementos no sistema da língua (RODRIGUES, 2005, p. 157), entidades formais abstratas reiteráveis e repetíveis. O enunciado é o produto de uma enunciação situada por sujeitos, tempos e espaços definidos.

Nessa concepção, enunciar é participar de um processo dialógico, ou seja, dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, em um determinado contexto histórico e certas circunstâncias de interlocução. Isto só é possível por meio de um gênero de discurso, configuração (mais ou menos) estabilizada de enunciados. O gênero é um dispositivo social de produção e recepção de enunciados, que reúne aspectos da realidade empírica e da organização verbal, garantindo a base comum para o estabelecimento da comunicação entre os interlocutores. O gênero está relacionado, portanto, aos tipos de interação que se inscrevem nos costumes de um determinado grupo e que, ao serem acionados, funcionam como referências de sentido. Assim, a noção de gênero integra um repertório de formas de discurso que só existem relacionadas à sociedade que as utiliza (BAKHTIN, 2000).

Bakhtin (2000) especifica a estruturação dos gêneros pela relação entre três elementos coexistentes e indissociáveis: o **conteúdo temático**, que diz respeito ao tema que o texto constrói na enunciação; o **estilo**, entendido como característica da interlocução entre os sujeitos do discurso no gênero e não somente como traço individual; e a **construção composicional**, que opera os recursos significantes do texto, ou seja, sua forma verbal, visual, sonora, etc. É necessário destacar também que o interlocutor em Bakhtin não é um ouvinte / leitor passivo, a quem somente caberia interpretar os enunciados produzidos pelo locutor / escritor, mas possui uma **compreensão responsiva ativa**, isto significa dizer que, em sua compreensão, já se encontra um elemento de resposta, seja ao concordar, discordar, complementar, interromper etc. o interlocutor está manifestando-se ativamente na negociação dos sentidos.

À compreensão responsiva ativa, Bakhtin associa o conceito de relações dialógicas ou dialogismo. O próprio locutor já seria, em certa medida, um **respondente**, inserindo-se em um grande diálogo com outros enunciadores, pelo simples fato de não ser aquele a inaugurar a língua. Tanto o sistema da língua, quanto as formas genéricas que usa para expressar-se já existiam antes de sua enunciação, emanadas de outros enunciadores em enunciados anteriores. O enunciado então mantém uma relação necessária com outros, nos quais se fundamenta, polemiza, reitera etc. “Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN. 2000. p. 291).

Com o avanço dos sistemas de comunicação e a difusão do computador, surgem os chamados gêneros digitais, que são fundamentalmente gêneros de discurso possibilitados pelo ambiente digital. Para Braga e Ricarte (2005), os gêneros digitais são outras modalidades de comunicação, nas quais a escrita se faz presente podendo ocorrer a interlocução de duas formas básicas: **assíncrona**, na qual os interlocutores não precisam estar todos sincronizados, conectados ao computador ao mesmo tempo ou **síncrona**, na qual a troca de informação escrita se faz de forma imediata e simultânea. Dentre os primeiros, podemos citar: *e-mails* ou correio eletrônico, fórum, lista de discussão, *blogs* etc. No segundo grupo temos o bate-papo virtual ou *chat*.

Uma das características que parece se destacar nos gêneros digitais, então, é a dimensão do suporte, pois já não temos um objeto tangível como nos impressos, o que existe é a tela na qual o texto eletrônico ganha corpo, objeto visto, mas não manuseado diretamente pelo leitor.

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defronta o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. (CHARTIER. 1999. p.12-13)

Para Chartier (1999), o fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de suas fronteiras não serem mais tão radicalmente visíveis, como no livro impresso, dão ao leitor a possibilidade de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que se inscrevem na mesma memória eletrônica: “todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler” (CHARTIER. 1999. p. 13).

Tais possibilidades vislumbradas por Chartier dizem respeito a uma segunda característica e que parece ser a mais marcante dos gêneros digitais: a recorrência de *hipertextos*. Encontramos no dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2001) duas acepções para o termo:

1. Apresentação de informações escritas, organizada de tal maneira que o leitor tem liberdade de escolher vários caminhos, a partir de seqüências associativas possíveis entre blocos vinculados por remissões, sem estar preso a um encadeamento linear único;
2. Forma de apresentação de informações em um monitor de vídeo, na qual algum elemento (palavra, expressão ou imagem) é destacado e, quando acionado (ger. mediante um clique de mouse), provoca a exibição de um novo hipertexto com informações relativas ao referido elemento.

O hipertexto não surge com a informática, como se pode perceber pela primeira acepção, mas é nela que este parece desenvolver toda a sua potencialidade. No computador, a leitura dos textos apresenta-se sob a característica da não-linearidade, permitindo ao leitor escolher seu próprio trajeto entre muitas possibilidades. Neste modelo, os textos se conformam em uma estrutura multidimensional, admitindo que sejam manipulados interativamente.

Para Machado (1997), desde a invenção da escrita o texto sempre foi pensado e praticado de forma linear, com seus caracteres retilíneos e suporte plano. Atualmente, diante dessa nova estrutura, o texto não é único, são várias superposições de textos, podendo ser lidas em diferentes direções. Essa escritura múltipla na tela plana do monitor de vídeo somente é possível através das **janelas** que vão se abrindo, sempre que acionadas, por meio de *links*, ligações específicas das palavras-chave de um texto a outros textos disponíveis na memória eletrônica

do sistema ou da rede computacional. O processo de leitura, em ambiente digital, é pertinentemente designado pela metáfora de navegação, “pois se trata realmente de ‘navegar’ ao longo de um imenso mar de textos que se superpõem e se tangenciam” (MACHADO. 1997. p. 183).

O DIÁLOGO NA WIKIPÉDIA

A partir das considerações teóricas expostas anteriormente buscamos demonstrar como as noções de gêneros de discurso e dialogismo contribuem para uma compreensão da leitura hipertextual em ambiente digital. Para efeito de exemplificação das reflexões propostas, passamos a uma breve análise das possibilidades de leitura da página eletrônica Wikipédia, enciclopédia digital livre.

Partindo da análise do gênero, buscamos no dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2001) a definição para o termo enciclopédia. Encontramos as seguintes acepções:

1. Conjunto de todos os conhecimentos humanos;
2. Obra que reúne todos os conhecimentos humanos ou apenas um domínio deles e os expõe de maneira ordenada, metódica, seguindo um critério de apresentação alfabético ou temático;
3. Derivação: por extensão de sentido. Obra que reúne considerável soma de conhecimentos Ex.: aquele romance era uma verdadeira e. do mundo atual;
4. Derivação: por metáfora. Indivíduo que possui consideráveis conhecimentos em todos os domínios do saber humano ou em parte deles. Ex.: “o professor era uma e. ambulante” “aquela pesquisadora era uma e. de literatura”

A segunda acepção é a que mais nos interessa neste trabalho, pois trata do tema em questão: a enciclopédia enquanto obra é um gênero escrito, manuscrito ou impresso na forma de livro, ou conjunto de livros divididos em vários volumes, dos quais podemos citar a Enciclopédia de Diderot e a Enciclopédia Britânica.

Com a mudança do suporte do ambiente impresso para o digital, o **gênero enciclopédia** não ganha apenas novos contornos, mas torna-se fundamentalmente outro, seja em sua construção composicional, em seu estilo verbal ou possibilidades temáticas. A própria definição dada no site aponta para mudanças visíveis:

Wikipédia é uma enciclopédia multilíngüe online livre, colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias. Por ser livre, entende-se que qualquer artigo dessa obra pode ser transcrito, modificado e ampliado, desde que preservados os direitos de cópia e modificações, visto que o conteúdo da Wikipédia está sob a licença GNU/FDL (ou GFDL). (<http://pt.wikipedia.org>)

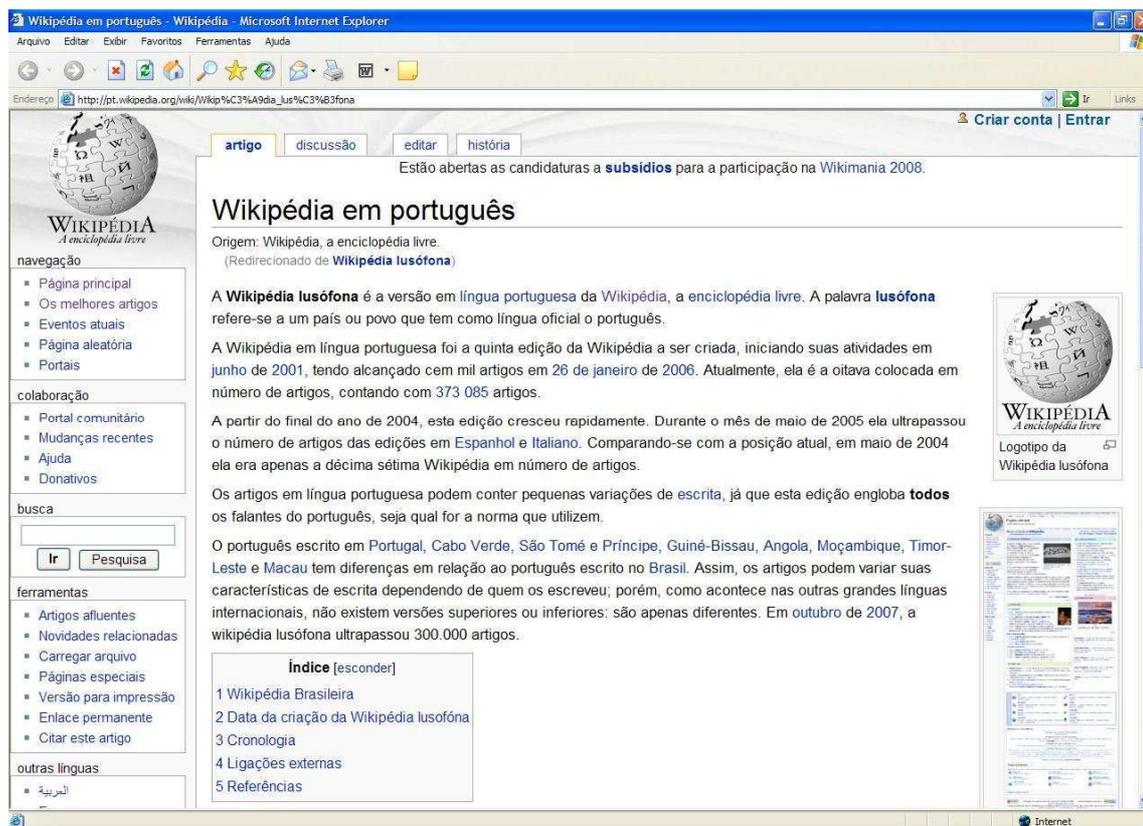
Nessa perspectiva, já se pode estabelecer a clara diferença entre as volumosas e pesadas enciclopédias impressas e a enciclopédia digital Wikipédia, o que acarreta diferentes modos de leitura.

O suporte digital desse gênero permite ao leitor, à medida que for lendo, intervir livremente no centro do texto, não mais estando limitado a fazer anotações em sua margem, como nos livros impressos. Na Wikipédia não há limites claros entre o autor e os leitores, pois todos podem ser leitores-autores. A compreensão responsiva ativa se manifesta em um nível imediato e concreto.

Outro elemento a ser considerado é sistema de busca e indexação, que modificou substancialmente a forma como os textos dialogam. Antes o leitor buscava o conteúdo desejado em um índice alfabético, que por si já é hipertextual, mas de outra natureza. Agora basta digitar a informação procurada em uma caixa de busca que o sistema identifica e traz uma ou várias opções para o leitor navegar pelos diversos hipertextos. E cada hipertexto é uma janela aberta a inúmeros outros por intermédio dos *links* que se destacam na tela.

Podemos observar a interface de uma das páginas da Wikipédia na imagem 1:

Imagem 1 – página principal da Wikipédia em português



Nesta imagem temos um conjunto de informações verbais e visuais com as quais pode interagir o leitor, sua construção composicional. Na coluna à esquerda, temos o logotipo da Wikipédia e algumas caixas de opções com *links* que se abrem a hipertextos: **navegação**, **colaboração**, **busca**, **ferramentas** e **outras línguas**. Estas caixas possibilitam ao navegador ter acesso a outros artigos e a opções previamente selecionadas e também a ler ou escrever artigos em outros idiomas. No centro da tela está o artigo selecionado, estruturado da seguinte forma: título, resumo, índice e seções. Em todas essas partes notamos palavras ou grupo de palavras de cor diferente (azul) do restante do texto (preto) que indicam a existência dos *links*, acesso a outros hipertextos. A cada *link* clicado abre-se uma nova janela com outro artigo sobre o tópico escolhido. Por exemplo, ao clicar no sintagma “língua portuguesa” abre-se um artigo sobre o tema em questão. É ainda no centro, no início da página, que estão as opções para editar o texto, ler e participar de discussões sobre ele. E na coluna da direita ilustrações sobre o artigo em questão.

Com efeito, a leitura da enciclopédia digital Wikipédia é fundamentalmente hipertextual e está diretamente vinculada ao ambiente digital, seus hipertextos são textos que não podem ser impressos sem que se altere o sentido da leitura, pois não há limites “reais”, devido à sua estrutura interna.

Marcuschi (2005) também reafirma a infinita possibilidade de leitura a partir dos hipertextos, a sua organização não possui um centro, não existe ali um vetor que o determine, não apresenta contornos nítidos.

Ele é um feixe de possibilidades, uma espécie de leque de ligações possíveis, mas não-aleatórias. Serve-lhe de metáfora a noção de estrela, que não forma um centro, mas vários vértices que se ligam a outros vértices (MARCUSCHI. 2005. p. 193).

Villaça (2002), em sua pesquisa, mostra que até mesmo as características normalmente atribuídas aos textos literários considerados de qualidade pela crítica profissional mudam no contexto da internet, sendo os atributos estilísticos de menor relevância que o funcionamento da hipertextualidade:

Não importa tanto o estilo da escrita, mas o estilo de leitura. Escrever em rede não teria a ver com a literatura no sentido clássico do termo, mas com a medição de novos territórios no espaço temático, com o estabelecimento de paisagens textuais e com a concepção da escrita e da leitura como um ato nômade de deambulação. O leitor seria um dândi ou um detetive informático para navegar na leitura da Internet, ou seja, leitura *orientada* hipertextualmente (VILLAÇA. 2002. p. 108).

Dessa forma, buscamos estabelecer algumas considerações sobre a leitura e produção de textos em ambiente digital.

CONSIDERAÇÕES

A análise proposta nos permite traçar um breve panorama do processo de leitura nos hipertextos. Assim como afirma Villaça (2002), pode-se perceber que o hipertexto nos meios informáticos interativos materializa as teorias literárias e discursivas contemporâneas, apresentando-se simultaneamente como um texto aberto que ganha existência no ato em que é lido e como um mapa rizomático que se ramifica em todas as direções sem um trajeto previsível. Se na literatura tais

perspectivas são abstratas e virtuais, no espaço virtual elas se concretizam materialmente. É nesse mesmo espaço que o dialogismo bakhtiniano adquire uma maior visibilidade na forma como os textos se interligam. A intertextualidade não se limita à memória discursiva do leitor, mas torna-se presente ao simples e imediato clique em um *link*. O navegador pode ter em um mesmo espaço acesso a toda uma biblioteca, aproximar e comparar diversos textos. A leitura na internet é fundamentalmente ação do leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2000, 3ª edição, p. 277- 289.
- BRAGA, Denise B. e RICARTE, Ivan L. M. **Letramento e tecnologia**. Cefil/IEL, Unicamp, 2005.
- COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa. (org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. (Coleção Linguagem e educação)
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2ª Edição, 2003.
- DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. (v.1.0) Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MACHADO, Arlindo. O fim do livro In: **Pré-cinemas & pós-cinemas**. São Paulo: Papyrus, 1997. p. 172-187.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. A coerência do hipertexto. In: COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa. (org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 185-207 (Coleção Linguagem e educação)
- RODRIGUES, Rosângela. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L. et al. (Orgs.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola editorial, 2005. (Lingua[gem]; 14)
- VILLAÇA, Nízia. **Impresso ou eletrônico? Um trajeto de leitura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOBRE OS AUTORES

Fabio Sampaio de Almeida é Mestre em Lingüística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Bacharel e Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É professor de Línguas Espanhola e Portuguesa do Centro de Educação Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) Unidade Petrópolis. Realiza pesquisas nas áreas de Análise do Discurso e Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas com ênfase nos temas de seleção profissional, linguagem e trabalho, produção de subjetividade e gêneros do discurso.

Luciane Teixeira da Silva é Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com Licenciatura em Educação Infantil, Séries Iniciais e Educação de

Descobrimo Cientistas



Jovens e Adultos e Bacharelado em Pedagogia nas Instituições e Movimentos Sociais. Desenvolve pesquisas na área de Leitura com ênfase nos temas gêneros digitais e hipertexto.